

**ENTREVISTA NARRATIVA: ENTRELAÇANDO SUBJETIVIDADES NA  
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

**NARRATIVE INTERVIEW: INTERWEAVING SUBJECTIVITIES IN  
KNOWLEDGE PRODUCTION**

Ueliton André dos Santos Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo servir de instrumento norteador para pesquisadores e pesquisadoras que adotam métodos qualitativos para a concretização de seus estudos. Embora a discussão aqui apresentada concentre seu olhar sobre o método de Entrevista Narrativa, este trabalho pode ser utilizado por diferentes agentes no processo de elaboração de projetos de pesquisa, uma vez que pode ser tomado como um convite à reflexão sobre a definição dos objetivos e dos métodos que estruturam um projeto de pesquisa. Dentre os principais autores e autoras que compõem o referencial teórico, é possível citar: Bertaux (2010); Fraser e Gondim (2004); Jovchelovitch e Bauer (2002); González Rey (2005); Minayo (2017) e Rego, Aquino e Oliveira (2006). Os resultados obtidos nos levam a concluir que a adoção do método qualitativo ou quantitativo não significa a inserção de maior ou menor grau de rigor científico, mas sim o direcionamento do método mais adequado para uma determinada investigação científica.

**Palavras-chave:** Metodologia de pesquisa; Métodos qualitativos; Entrevista Narrativa.

**ABSTRACT:** The present article aims to serve as a guiding instrument for researchers who adopt qualitative methods for the realization of their studies. Although the discussion presented here focuses on the Narrative Interview method, this work can be used by different agents in the process of elaborating research projects, since it can be taken as an invitation to reflect on the definition of objectives and methods that structure a research project. Among the main authors that make up the theoretical framework, it is possible to mention: Bertaux (2010); Fraser and Gondim (2004); Jovchelovitch and Bauer (2002); González Rey (2005); Minayo (2017) and Rego, Aquino and Oliveira (2006). The results obtained lead us to conclude that the adoption of the qualitative or quantitative method does not mean the insertion of a greater or lesser degree of scientific rigor, but rather the direction of the most appropriate method for a given scientific investigation.

**Keywords:** Research methodology; Qualitative methods; Narrative Interview.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia. Integrante do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens-GEREL/CNPq-UNEB. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário UNIRB. E-mail: [ueliton\\_andre@hotmail.com](mailto:ueliton_andre@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2595-7998>.

## Introdução

Considerando que os estudos sobre questões metodológicas se apresentam como um componente importante para a formação científica, o presente trabalho busca por meio de uma linguagem didática, disponibilizar informações relevantes para os pesquisadores e pesquisadoras que estão iniciando no fazer científico. No entanto, é válido indicar que este estudo não ambiciona contemplar apenas o referido público.

Este trabalho pode ser concebido a partir da concepção de “caixa de ferramentas” exibida por Michel Foucault (2006). Sob essa concepção, um determinado trabalho pode servir a usos não definidos por aquele que o escreveu. Assim, quanto mais usos forem feitos, a “caixa de ferramentas” se amplia ao agregar novas aplicabilidades. Isso posto, pesquisadores que já desenvolvem trabalhos sob essa abordagem podem ampliar sua funcionalidade, uma vez que os seus usos são múltiplos e sua construção é permanente.

Como bem pontuado por Paulo Freire (2019), a formação é uma práxis que envolve um jogo constante de ação-reflexão-ação. Por extensão, o autor do presente artigo concebe a pesquisa científica como esse movimento contínuo que se encontra em constante transformação. Com base nessa argumentação, o interesse pela redação deste trabalho é oriundo de uma série de inquietações e questionamentos que se sucederam ao longo de uma pesquisa mais ampla intitulada “Letramento social e as (re)invenções de si”. Dentre eles, é possível citar: O que é metodologia? Como elaborar um protocolo metodológico de um projeto de pesquisa? Qual método deve ser aplicado? Qual o método mais adequado: o qualitativo ou o quantitativo?

Certamente, alguns desses questionamentos permeiam os pensamentos de muitas pessoas que estão iniciando no fazer da investigação científica. Pensar e estruturar os aspectos metodológicos para pesquisadores iniciantes pode ser uma tarefa um tanto quanto árdua. Frente a essa constatação, este artigo busca proporcionar um ponto de orientação aos pesquisadores e pesquisadoras que recorrerem aos métodos qualitativos como via para a condução de seus trabalhos, mais especificamente, à adoção da Entrevista Narrativa (EN).

Para a materialização do presente artigo, foi implementada a metodologia de pesquisa bibliográfica de caráter descritivo. Isso posto, dentre os procedimentos aplicados para o levantamento do material bibliográfico é possível citar: 1. Definição do tema e objetivo do trabalho; 2. Escolha das fontes: artigos científicos, livros, teses e dissertações; 3. Realização da busca em livros físicos, repositórios virtuais e plataformas científicas online — Scielo, Cadernos da Fucamp, v.22, n.59, p151-164/2023

LILACS e Google Acadêmico; 4. Seleção dos artigos: artigos que tratassem diretamente de questões metodológicas qualitativas e que apresentassem relevância e credibilidade acerca do tema; 5. Leitura e análise dos artigos selecionados; 6. Organização dos dados obtidos; 7. Redação dos resultados.

O artigo está organizado em três seções. Na primeira seção é apresentada uma breve descrição acerca das potencialidades da pesquisa qualitativa e suas aplicabilidades, bem como é discorrido sobre o papel do pesquisador e sua participação no avanço do conhecimento. Na segunda seção, é realizada uma exibição acerca da EN como método de pesquisa e sua fecundidade para a compreensão de questões que envolvem o ser humano em sua complexidade e multidimensionalidade. Além disso, é feita uma breve descrição sobre o processo de conexão entre as histórias, as memórias e a formação de si. Na terceira seção, são indicados alguns procedimentos práticos para a condução de pesquisas qualitativas que adotem o método de EN.

## **1 A pesquisa qualitativa como ferramenta de criação de pontos de inteligibilidade**

Nesta seção, será feita a exposição de alguns pontos que se fazem importantes para o pesquisador que deseja desenvolver pesquisas no campo dos métodos qualitativos, mais especificamente acerca do método de EN. Conforme exposto por Godoy (1995), as pesquisas qualitativas ao longo dos anos têm se mostrado como uma ferramenta potente para a compreensão e estudo dos fenômenos que envolvem os seres humanos em suas mais variadas relações sociais.

Frente a difusão e força que tal método tem ganhado ao longo dos anos é importante o desenvolvimento de estudos que auxiliem os pesquisadores e pesquisadoras que se voltam para esse percurso de pesquisa. Em um primeiro momento é importante demonstrar que “a pesquisa qualitativa se caracteriza pela busca, como princípio do conhecimento, de uma compreensão das complexas relações constituintes da realidade social” (ARAÚJO; OLIVEIRA; ROSSATO, 2017, p.3). Essa exposição se mostra pertinente tendo em vista as constantes discussões e críticas que se voltam sobre essa metodologia de pesquisa.

Ancorados em perspectivas positivistas, muitos críticos das abordagens qualitativas conclamam a posição de neutralidade do pesquisador acerca do objeto estudado, bem como a generalização dos seus resultados por meio do emprego de amostras representativas

(MINAYO, 2017). Nesse ínterim, é oportuno destacar que a neutralidade da ciência há muito tempo tem sido alvo de profundos debates, tal como a efetiva generalização dos seus resultados, principalmente no que concerne às Ciências Humanas e Sociais (FRASER; GONDIM, 2004). A esse respeito, salienta-se que:

A ação humana é intencional e reflexiva, cujo significado é apreendido a partir das razões e motivos dos atores sociais inseridos no contexto da ocorrência do fenômeno, o que não acontece com os objetos físicos, foco de análise das ciências naturais. Conhecer as razões e os motivos que dão sentido às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes dos homens em suas interações sociais é o mais importante para as ciências sociais (FRASER; GONDIM, 2004, p. 141).

No que tange à neutralidade do fazer científico, é crucial que o pesquisador tenha em mente que tal movimento é algo com materialidade improvável. Como lembra González Rey (2005), o sujeito pesquisador é alguém que se expressa, compreende, interage e interpreta. Todavia, este fato não anula os resultados que uma pesquisa qualitativa produz. As interpretações apresentadas, sejam elas decorrentes da colaboração de uma ou mais pessoas, se expressam como pontos de inteligibilidade, pois abrem precedentes para a produção de novos sentidos e significados no campo da produção do conhecimento.

Ao longo de sua caminhada investigativa é fundamental que o pesquisador busque manter um olhar atento sobre seus preconceitos e opiniões, de modo que não enviem o fazer científico. É fato que o ser humano constrói suas teorias com base em suas experiências com o mundo social. Contudo, tais experiências não podem reduzir os fenômenos ou objeto investigado às suas simplificações de mundo. A esse respeito, González Rey (2005) aponta que é preciso dar saltos qualitativos de inteligibilidade, ou seja, é fundamental que a produção desenvolvida mantenha sua capacidade extensiva de compreensão e de pensamento acerca do objeto empírico.

Nesse sentido, a atuação do agente pesquisador enquanto produtor de inteligibilidades deve se dar sob uma ótica problematizadora que se volte para a sistematização e ressignificação das experiências que emergem da pesquisa. Deste modo, Bachelard (1996) adverte sobre a importância da superação das opiniões que o investigador imprime acerca do objeto empírico de suas pesquisas, uma vez que tais opiniões ou preconceitos se configuram como um dos impasses a serem superados para a formação de um fazer científico.

Portanto, os instrumentos adotados para a coleta de dados devem ser operacionalizados levando em consideração esses elementos. A nível de exemplificação, ao

recorrer à EN como meio de coleta de dados, é imprescindível que o pesquisador deixe o campo do diálogo aberto sem se impor de forma autoritária. Quer dizer, os participantes devem expor suas interpretações acerca de sua realidade, sem coação ou constrangimentos. Essa fase é concebida como um momento frutífero para que o investigador possa confrontar seus preconceitos e suas interpretações prévias mediante ao que lhe é apresentado pelo campo de pesquisa.

Destarte, a entrevista pode ser definida como um processo de interação social que coloca como ponto privilegiado o uso da palavra, dos símbolos e signos que se inscrevem e se reproduzem nas relações humanas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). As relações ocupam uma posição significativa, tendo em vista que é por meio delas que os agentes sociais edificam e procuram dar sentido à realidade que os circunda.

O emprego das entrevistas como técnica investigativa teve início no campo da medicina com o intuito de obter informações minuciosas acerca dos pacientes, cujo objetivo era definir e propor o melhor diagnóstico e tratamento para as doenças. Com o passar dos anos essa técnica foi incorporada aos contextos das investigações científicas tendo em vista sua potencialidade (FRASER; GONDIM, 2004). Pensando no emprego da entrevista no contexto das pesquisas qualitativas, expõe-se que:

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante (FRASER; GONDIM, 2004, p. 140).

É evidente a dialogicidade entre participante e pesquisador. A esse respeito, González Rey (2005) indica que o encontro entre a subjetividade do investigador com a dos participantes não deve ser tomado como algo a ser temido ou combatido, pois é desse embate que emergem as reflexões, as dúvidas e a germinação de outros pontos de vista ao olhar uma dada realidade sob a ótica de quem narra sua própria história. Esse campo de confronto é, sem dúvidas, um solo fértil no qual novas inteligibilidades podem eclodir. Sob esse aspecto, Araújo, Oliveira e Rossato (2017, p.5) reforçam que não é possível imprimir uma pesquisa absolutamente neutra. “A pesquisa coloca o sujeito diante de reflexões pessoais, que

envolvem dinâmicas simbólico-emocionais em construção e reconstrução na vivência da pesquisa, provocando dinâmicas de desenvolvimento microgenético”.

Nesse ínterim, a EN pode ser adotada como um elo que privilegia as subjetividades dos participantes da pesquisa. Embora os diálogos entre as subjetividades do pesquisador com a dos participantes seja um fenômeno presente na construção e desenrolar de uma pesquisa, é crucial que aquele que assume o papel de entrevistador se mantenha atento para não criar um enquadramento que conduza as narrativas dos participantes às suas hipóteses. Esse trajeto requer um olhar e ouvir sensível que abra precedentes para a reconstrução de suas hipóteses a partir do que lhe é apresentado.

### **1.1 Criando pontes para o trânsito do fazer científico**

Ao pensar a articulação e a construção de uma pesquisa científica que tenha como eixo investigativo a trajetória de vida, memórias e narrativas de pessoas, é fundamental que o pesquisador esteja ciente de sua implicação e de suas motivações para adentrar em tal campo. Posto que não se trata apenas de um processo de extração de dados para análises, mas antes um processo que proporcione um retorno aos envolvidos, quer seja no campo do direito, da educação, da política, da transformação social, ressignificação de elementos vividos, dentre outros.

Frente a essa exposição, dois conceitos apresentados por Paulo Freire (2019) se apresentam como elementos propulsores para o desenvolvimento de pesquisas com essa abordagem, a saber, ação e reflexão. Esses dois conceitos se mostram frutíferos, pois permitem ao pesquisador assumir uma postura curiosa e ao mesmo tempo crítica sobre os fenômenos que se apresentam no curso do seu trabalho.

Nesse contexto, ação e reflexão se mostram como elementos importantes, uma vez que os participantes da pesquisa não devem ser assimilados como meros objetos empíricos, sob os quais a lente da neutralidade do pesquisador capturará e extrairá a verdade absoluta dos fatos e dos eventos observados. Ao se pensar uma pesquisa científica que tome como ponto basilar a EN, é fundamental que as pessoas que irão compor o estudo devam ser encaradas como agentes que transitam, constroem e se reconstroem em um dado espaço social marcado por sentidos, significados e memórias individuais e coletivas (FRASER; GONDIM, 2004; MUYLEAERT et al., 2014; MINAYO, 2017).

Ao refletir sobre diferentes aspectos do cotidiano estudado, é possível perceber a circulação de ideias que até o momento da redação do projeto de pesquisa não haviam adentrado ao campo de visão do pesquisador. A título de exemplo, o autor do presente trabalho descreve que na estruturação do seu projeto de pesquisa de mestrado não havia considerado alguns fenômenos sociais relevantes e que foram postos em cena pelos participantes — as disparidades entre homens e mulheres no que concerne à percepção das desigualdades de gênero, a questão racial como uma categoria analítica importante, como também o entrelaçamento entre os indivíduos e seu espaço territorial como um elo significativo no processo de tomada de consciência e (re)invenção de si.

O campo subjetivo está intimamente ligado ao contexto social e histórico em que o sujeito está imerso. Desta forma, o processo inventivo de si é atravessado diretamente pelo campo dos signos e significados sociais que desemboca na produção dos sentidos. Nessa trama, as pessoas se constituem a partir das suas histórias, cujos acontecimentos cotidianos são apreendidos e (re)significados por meio de sua memória, mas também pelos seus esquecimentos. Alguns fatos marcam profundamente os indivíduos, modificando assim, a percepção que tem de si, do outro, da realidade e dos seus valores sobre determinadas coisas (REIS, SCHUCMAN, 2010). Posto isso, fica evidente que a subjetividade humana não se configura como um processo natural que irá amadurecer espontaneamente. Portanto,

ao contrário de tomar a subjetividade como expressão de uma suposta natureza humana intrínseca ou natural, trata-se aqui de situá-la em relação às práticas históricas e culturais a que os indivíduos se submetem, a título de se fazerem reconhecer como entidades subjetivas (REGO; AQUINO; OLIVEIRA, 2006, p.281).

## **2 Histórias, memórias e a narração de si**

As múltiplas expressões e manifestações do conhecimento são esferas importantes para se compreender os indivíduos em sua complexidade e materialidade social e histórica. Mediante essa observação, a EN se apresenta como um ponto frutífero para a compreensão do ser humano em sua complexidade e multidimensionalidade. O ato de narrar sobre histórias ou experiências de vida não se limita ao fato de expor memórias individuais sobre um dado evento ou momento histórico, tal processo envolve uma leitura singular de mundo, na qual as cadeias de significados e sentidos entram em conexão com o sujeito narrador (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

## ENTREVISTA NARRATIVA

Enquanto elemento constituinte do processo psicológico humano, a memória, ao ser inserida no *locus* da investigação científica sob a vertente da EN, deve ser analisada sob uma perspectiva plural, de modo a evitar interpretações reducionistas ou concepções cartesianas. Conforme exposto por Bosi (1979, p. 9), “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. Nesse sentido, ela pode ser entendida como um dos elementos preponderantes na constituição dos sujeitos, posto que é por meio do trânsito relacional entre o nível coletivo e individual que as memórias são formadas e ganham significados pessoais e coletivos.

Em corroboração a essas colocações, Heller (1985, p.20) expõe que “a vida cotidiana é a verdadeira essência da substância social”. E essa substância, que se faz presente em todas as sociedades, se configura como um dos pontos constitutivos do ser humano. Essa essência, por se constituir como produto e produtora dos indivíduos, deve ser foco de análise, uma vez que são produtos e produtoras das subjetividades humanas. Desta forma, a adoção da EN como um caminho de investigação para a compreensão do reconhecimento que os indivíduos elaboram de si ou de um dado fenômeno é aqui colocada, pensada e articulada como uma via fértil para o entendimento dos sentidos que os indivíduos atribuem à essa essência social descrita por Heller (1985).

Sob esse prisma, o processo constitutivo humano é marcado pelas relações coletivas. Logo, o reconhecimento de si e o reconhecimento do outro são concebidos por meio de um encadeamento memorialístico que atravessa o tempo e o espaço. Conforme apontado por Halbwachs (1990), a impressão ou lembrança que o sujeito apresenta acerca de algo ou de alguém não se move apenas sob um construto individual. As experiências e vivências humanas podem ser concebidas como um tecido, cuja tessitura opera através das ações coletivas. Dito isso, um mesmo fenômeno pode ser contado e recontado pela narrativa de uma ou várias pessoas.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p.26).

Ao se remeter ao passado, as pessoas mobilizam um esforço para contar e reinventar os fatos vividos. Esse ato se torna mais expressivo quando o foco da análise se volta para a



vida do próprio sujeito, o qual assume a posição de narrador e personagem. Nesse contexto, o processo de formação da subjetividade se apresenta como fenômeno aberto, em que o passado se implica com o hoje na construção do amanhã (REGO; AQUINO; OLIVEIRA, 2006, p.270). Assim sendo, a memória pode ser entendida como o acervo pessoal, onde cada sujeito conserva suas histórias e experiências de vida. Nesse movimento de criação, a memória possibilita a edificação de pontes que ligam o corpo presente com o passado (BOSI, 1979).

Nessa linha analítica, Pereira (2014, p.86) acrescenta que todos os indivíduos ao longo do seu desenvolvimento são marcados pelo tempo: “tempo de aprender, tempo de ensinar e tempo de contar o que se aprendeu. O tempo define a forma de ser, sentir e fazer de cada um; o que se quer ou não na vida e o que aprendemos nos percursos vividos”.

Por meio da memória, o sujeito registra o presente, permitindo que ele não se perca, mas possa ser resgatado, acessado por meio da lembrança, presentificando o passado ao recordá-lo. A relação da memória com o tempo é complexa, pois a memória não apenas traz o passado à tona, mas também, ao fazê-lo, contribui na percepção do presente e também na construção do projeto de futuro do sujeito, revelando-se, com isso, sua importante função existencial (REIS, SCHUCMAN, 2010, p.390).

Como retratado por Freire (1989) e Cruz (2012), as memórias comportam em si uma riqueza de detalhes que, ao se manifestarem no presente através das subjetividades dos indivíduos, ganham diferentes contornos emocionais e afetivos. Portanto, o passado não se apresenta como matéria morta ou determinante do futuro, mas é antes uma instância que serve ao sujeito como elemento de recriação e ressignificação de si. Sabendo que em cada narrativa que se movimenta existe “uma pessoa que percebe, luta, cujas mãos tecem o tecido vivo da história [...]” (BOSI, 2000, p.16), a EN é assimilada como um percurso frutífero para a compreensão de questões complexas que envolvem os seres humanos e suas relações.

### **3 Elementos práticos**

Para a condução de uma pesquisa científica, é primordial que o pesquisador tenha clareza acerca dos objetivos do trabalho proposto. Outro elemento importante é a definição dos participantes e quais os critérios de inclusão e exclusão. Logicamente, esta etapa está intimamente imbricada com a etapa inicial. Como terceiro componente, cita-se a escolha da técnica para coleta de dados. É a partir da definição dos objetivos e dos participantes que será

## ENTREVISTA NARRATIVA

possível estabelecer e delinear o método mais adequado para que os propósitos do trabalho sejam alcançados (FRASER; GONDIM, 2004).

Estabelecidos os objetivos do estudo, os participantes da pesquisa e o método mais adequado, está na hora de pensar e planejar o instrumento e sua aplicação. Tendo em vista o objetivo desse trabalho, a EN será operacionalizada como meio de exemplificação. Ao recorrer à EN, é importante que o pesquisador tenha discernimento sobre alguns pontos. A saber, o local em que as entrevistas serão conduzidas deve garantir o conforto físico e mental do participante, bem como resguardar a sua privacidade, de modo que não haja interrupções ou circulação de outras pessoas no local. Por conseguinte, é pertinente acrescentar que esse instrumento não deve ser conduzido de forma rígida. Sendo assim, o entrevistado assume um papel ativo no processo de construção da narrativa.

Nas situações em que o participante encerre sua fala de forma rápida ou apresente respostas curtas, o entrevistador pode atuar no processo de estimulação da narrativa, porém, sem adentrar a fase de questionamentos. A fase dos questionamentos é o momento em que, encerrada a narrativa principal do participante sobre a questão motivadora, o pesquisador poderá questionar o participante sobre aspectos e elementos que não ficaram claros em um primeiro momento. Ou seja, é a fase em que o entrevistador busca aprofundar sobre pontos da narrativa do participante que são relevantes para a pesquisa (FRASER; GONDIM, 2004; MUYLAERT et al., 2014; PEREIRA et al., 2021).

O pesquisador iniciante nesse método pode se perguntar: por onde deverá começar em sua investigação? A resposta para essa questão é a seguinte: sua questão motivadora deve partir do objetivo de sua pesquisa. A questão motivadora está relacionada a uma questão geral que permitirá ao entrevistado narrar de forma livre e espontânea sobre o assunto. Assim, deve-se evitar iniciar esse tipo de entrevista com perguntas que tenham como resposta “sim” ou “não” (PEREIRA et al., 2021). Para maiores esclarecimentos, seguem dois exemplos de questões disparadoras: “Você poderia contar um pouco sobre sua história?”. Caso o pesquisador estivesse investigando a trajetória de vida de refugiados em território brasileiro, uma das possibilidades para a pergunta disparadora poderia ser: “Você poderia contar um pouco de sua história de vida até sua chegada ao Brasil?”

Antes de finalizar o processo de gravação de vídeo ou áudio — término da entrevista — é imperativo que o pesquisador questione o participante se ele gostaria de acrescentar mais alguma informação. Feito isso e encerrada a gravação, caso o participante volte a relatar algo, não ligue o gravador ou câmera novamente. Nesse caso, ele pode ter iniciado a narrativa sobre

Cadernos da Fucamp, v.22, n.59, p151-164/2023

esse ponto em específico justamente por perceber que tais dispositivos foram desligados. Frente ao compromisso ético firmado, caberá ao entrevistador recorrer à sua memória e registrar as informações acrescidas em seu diário de campo (MUYLAERT et al., 2014).

Em linhas conclusivas, partindo dos argumentos apresentados por Fraser e Gondim (2004), sinalizamos que no processo de condução de uma entrevista há um movimento de negociação entre o entrevistador e o entrevistado, cujo produto é resultado da interação entre as duas partes. Assim sendo, é imprescindível considerar as questões éticas e subjetivas envolvidas nessa ação.

#### **4 Metodologia**

Para a materialização do presente artigo, foi implementada a metodologia de pesquisa bibliográfica de caráter descritivo. Isso posto, dentre os procedimentos aplicados para o levantamento do material bibliográfico é possível citar: 1. Definição do tema e objetivo do trabalho; 2. Escolha das fontes: artigos científicos, livros, teses e dissertações; 3. Realização da busca em livros físicos, repositórios virtuais e plataformas científicas online — Scielo, LILACS e Google Acadêmico; 4. Seleção dos artigos: artigos que tratassem diretamente de questões metodológicas qualitativas e que apresentassem relevância e credibilidade acerca do tema; 5. Leitura e análise dos artigos selecionados; 6. Organização dos dados obtidos; 7. Redação dos resultados.

#### **Considerações finais**

No campo da produção científica é possível constatar a existência da abordagem qualitativa e quantitativa. “Ambas as abordagens têm suas vantagens, desvantagens, pontos positivos e pontos negativos”. Isso posto, essas metodologias podem ser operacionalizadas em concomitância em um mesmo estudo de modo a superar as limitações de cada uma delas. Contudo, vale ressaltar que a opção por uma dessas abordagens ou sua conjugação está diretamente atrelada à pergunta de pesquisa e seus respectivos objetivos (GÜNTHER, 2006, p.201). Isso posto, a adoção do método qualitativo ou quantitativo não significa a inserção de maior ou menor grau de rigor científico, mas sim o direcionamento do método mais adequado para uma determinada investigação.

Os métodos qualitativos mostram-se como componentes importantes na construção do conhecimento científico. Nesse escopo, é possível citar sua capacidade de auxiliar os pesquisadores a indagarem e compreender em profundidade determinados processos ou fenômenos psicológicos, sociais, históricos, políticos, culturais etc. Outro ponto a ser destacado é que os métodos qualitativos conferem ao investigador a possibilidade de obter seus dados em situações naturais, situações essas que permitem maior autenticidade aos dados, como também se mostram flexíveis o suficiente para serem adaptados às diferentes realidades e contextos (MINAYO, 2017; GÜNTHER, 2006; MUYLEAERT et al., 2014).

Seguindo essa linha expositiva, Minayo (2017) aponta que determinados modelos de pesquisas empíricas colocam o pesquisador em uma cena de interlocução direta com os participantes da pesquisa, participantes esses que se mostram como importantes atores sociais para a construção da investigação. A exemplo desses modelos, cita-se a Entrevista Narrativa e Entrevista de História de Vida.

Como foi visto ao longo deste trabalho, a EN se apresenta como um instrumento que busca estabelecer uma investigação de forma aprofundada e que ultrapassa o enquadramento dos esquemas pautados em perguntas/respostas rígidas (BERTAUX, 2010; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Sob essa organização, a EN pode ser pensada como um instrumento vivo. Quer dizer, não se trata de um artifício engessado. Portanto, o pesquisador pode e deve ajustar e reorganizar seus questionamentos mediante as informações e as especificidades que o campo de pesquisa lhe apresenta. Por conseguinte, o roteiro de entrevista pode ser pensado como um instrumento mediador e que busca orientar o encaminhamento do trabalho. Todavia, esse roteiro não deve ser assimilado como um limitador. Sob esses apontamentos, o emprego da EN como fonte para a produção de dados decorre de sua potencialidade e adequabilidade a diferentes contextos.

Uma das limitações do estudo é o enfoque apenas em um método de coleta de dados no campo da investigação qualitativa — a Entrevista Narrativa. Estudos futuros podem direcionar suas análises e reflexões para a construção de trabalhos que apontem outros métodos de investigação e como eles podem ser operacionalizados. Além disso, o desenvolvimento de estudos acerca da formulação de protocolos para as análises dos dados coletados por métodos qualitativos é importante. Por fim, o desenvolvimento de trabalhos acerca dos aspectos metodológicos é primordial para o avanço da ciência e para a formação e orientação dos pesquisadores no processo de condução e concretização de suas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudio Márcio; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.33, p.1-7, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbyDXKXqWGj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.17-28.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Natal/São Paulo: EDUFRRN/ Paulus, 2010.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: Leituras de Operárias. 10ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Editora Cortez, 1979.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura literária na escola**: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012.

FOUCAULT, Michel. Gerir os ilegalismos. In: FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault**: entrevistas a Roger Pol-Droit. São Paulo: Graal, 2006. p.41-52.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v.14, n. 28, p. 139-152, 2004. Disponível: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?lang=pt>. Acesso em 25 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação Thomson: São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2005, p.1-78.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>. Acesso em: 19 dez. 2022.

## ENTREVISTA NARRATIVA

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2.ed. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 20-31.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guarecia. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 90-113.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1–12, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>. Acesso em: 03 de jan. 2023.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enfermagem USP**. São Paulo, v.48, n. Esp2, p.193-199, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reensp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PEREIRA, Áurea da Silva. **Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho**. 2014, 197 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) — Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

PEREIRA, Leticia Pereira et al. Entrevista narrativa com pessoas em situação de rua com transtornos mentais: relato de experiência. **Escola Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 25, n.3, p.1-9, 2021.

REGO, Teresa Cristina; AQUINO, Julio Groppa; OLIVEIRA, Marta Kohl de. Narrativas autobiográficas e constituição de subjetividades. In: SOUZA, Elizeu Clementino. (org). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p.269-286.

REIS, Alice Casanova; SCHUCMAN, Lia Vainer. A constituição social da memória: lembranças de uma testemunha da II Guerra Mundial. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 388-408, ago., 2010.

